



Metodologia da Pesquisa Educacional

— Antônio Vidal Nunes —

Universidade Federal do Espírito Santo
Secretaria de Ensino a Distância

Filosofia e Psicanálise
Especialização

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria de Ensino a Distância

Metodologia da Pesquisa Educacional

Antônio Vidal Nunes

UFES – Vitória
2018

Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Educação

José Mendonça Bezerra Filho

**Diretoria de Educação a Distância
DED/CAPES/MEC**

Carlos Cezar Modernel Lenuzza

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO****Reitor**

Reinaldo Centoducatte

Secretária de Ensino a Distância – SEAD

Maria José Campos Rodrigues

Diretor Acadêmico – SEAD

Júlio Francelino Ferreira Filho

Coordenadora UAB da UFES

Maria José Campos Rodrigues

Coordenador Adjunto UAB da UFES

Júlio Francelino Ferreira Filho

**Diretor do Centro de Ciências
Humanas e Naturais (CCHN)**

Renato Rodrigues Neto

**Coordenadora do Curso de Especialização
em Filosofia e Psicanálise – EAD/UFES**

Claudia Murta

Design Gráfico

Laboratório de Design Instrucional – SEAD

SEAD

Av. Fernando Ferrari, nº 514

CEP 29075-910, Goiabeiras

Vitória – ES

(27) 4009-2208

Laboratório de Design Instrucional (LDI)**Gerência**

Coordenação:

Letícia Pedruzzi Fonseca

Equipe:

Fabiana Firme

Luiza Avelar

Diagramação

Coordenação:

Thaís André Imbroisi

Equipe:

Débora de Oliveira

Ilustração

Coordenação:

Priscilla Garone

Equipe:

Ramon Wadry

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)
Bibliotecária: Silvana Lyra Vicentini Mourrahy – CRB-6 ES-000148/O

N972m

Nunes, Antônio Vidal.

Metodologia da pesquisa educacional [recurso eletrônico] / Antônio Vidal Nunes - Dados eletrônicos. - Vitória, ES : Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2018.
40 p.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-5458-010-0

Modo de acesso: <Disponível via moodle (AVA)>

1. Pesquisa educacional – Metodologia. 2. Educação. 3. Filosofia. 4. Epistemologia. I. Título.

CDU: 37.012



Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir deste trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam ao autor o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

A reprodução de imagens nesta obra tem caráter pedagógico e científico, amparada pelos limites do direito de autor, de acordo com a lei nº 9.610/1998, art. 46, III (citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra). Toda reprodução foi realizada com amparo legal do regime geral de direito de autor no Brasil.

Clique nas marcas abaixo para acessar os sites das instituições:

Sumário



Introdução

Com esta elaboração socializo com vocês um pouco do nosso breve esforço reflexivo “possível”, em relação ao assunto que trataremos. Todo texto a ser desenvolvido sempre expressa expectativas e dificuldades a serem superadas, limites com os quais temos que enfrentar, tanto por parte de quem escreve, como de quem lê. São os inúmeros compromissos pessoais assumidos, o cronograma estabelecido pelo curso que vocês estão fazendo, condições ideais para a elaboração e leitura do subsidio e outros fatores mais, que poderíamos ressaltar aqui. Contudo, quando assumimos uma atividade nos empenhamos, no sentido de realizá-la da melhor maneira possível. E isso ganha mais força quando nos dispomos a realizar alguma iniciativa que para nós é prazerosa e nos envolve de forma total. Em muitos propósitos ficamos um pouco aquém daquele ideal desejado. Nem sempre realizamos as projeções para as quais dedicamos um pouco do nosso tempo e da nossa vida. Isso ocorre com cada um de nós. Daí a necessidade de sabermos lidar com os nossos limites, assumindo-os quando necessários. E disso não devemos nos envergonhar, pois a nossa história é a história de uma superação permanente dos nossos próprios limites e fragilidades. Estou dizendo isso, pois gostaria de nesse momento comungar com vocês um trabalho mais amadurecido, com substancial consistência, próximo dos desejos que nos motivou a participar desse projeto.

Um texto, com muitas coisas em nossas vidas exigem um tempo de maturação. Na história da Filosofia encontramos muitos filósofos que iniciando a sua reflexão em um determinado momento, somente depois de muito tempo conseguiram finalizá-la. Às vezes levava anos esta espera de conclusão. Mesmo sabendo que o fruto não está ainda na hora de ser colhido, espero que esta elaboração possa despertá-los para ir um pouco mais longe em relação ao ponto que aqui chegamos naquilo que escrevemos.

Portanto, este subsidio em função de suas deficiências se apresenta também, como um desafio, senão a todo, pelo menos aos interessados em continuar. Ainda que possamos considerar que nenhum trabalho se apresente de forma conclusiva e definitiva, para quem o escreveu ou quem se disponha a lê-lo. Todo ponto de chegada já um de partida. Toda produção escrita e toda criação humana é possuidora de certa historicidade, é sempre filha do tempo.

Com estas considerações provisórias, passemos a expor o itinerário que temos em vista. Não é fácil versar sobre Filosofia e Psicanálise, dada as diferenças de naturezas entre estes saberes, e a forma como cada um desses conhecimentos fez uso da linguagem. Eles emergiram na história, como parte da criatividade humana, respondendo a problemas e necessidades distintas. O que não impede de estabelecer relações entre eles. É que tentaremos fazer de forma rápida. Em nosso trajeto elaborativo passaremos por três momentos básicos: no primeiro faremos considerações em relação às duas modalidades cognitivas: a Filosofia valorizando a consciência e a razão, como base de sua atividade especulativa, visando alcançar concepções de totalidade do ser humano e do mundo; e a Psicanálise, postulando que para além da razão e da consciência há uma outra região, se assim podemos chamar, com leis e dinâmicas próprias, que opera na interioridade humana; o inconsciente, que deve ser conhecido de forma irreduzível. Ele não é alcançado pelas atividades do filósofo enquanto filósofo. Muito pelo contrario, para Freud, a Filosofia é um obstáculo ao conhecimento destas forças que nos impulsiona e define naquilo que somos e pensamos.

Em um segundo momento, dedicaremos um espaço à metodologia filosófica. Adentrar neste universo simbólico implica instrumentos adequados e meios necessários para que se possa compreender como os conceitos filosóficos se constroem e se articulam. A Filosofia é uma atividade

de recriação dos conceitos, no sentido de se buscar formas coerentes e atualizadas de compreender a realidade. Por último faremos uma breve reflexão sobre a Epistemologia da Psicanálise. Enquanto saber científico a Psicanálise tem que justificar os princípios mediante os quais o seu saber é construindo. Enquanto conhecimento que tem como objeto o inconsciente, ela deve explicar as condições de validade daquilo que pretende construir como produto científico. Isso envolve uma discussão em torno da natureza, dos limites e das possibilidades da Psicanálise, enquanto um saber objetivo pretensamente científico. Não resta dúvida que é muita pretensão querer tratar estes problemas em um espaço bastante reduzido, como o que temos aqui. Como nosso objetivo é o de uma reflexão introdutória a iniciativa pode ser válida, como ponto de partida, como já ressaltamos antes. Aos que se interessarem pela temática ou aspecto das mesmas poderão dar continuidade em suas monografias ou em outros espaços de estudo e reflexão.





Filosofia e psicanálise



A Filosofia surge na história humana como uma proposta inovadora, uma linguagem até então inexistente, antes da iniciativa grega. Uma forma nova de explicar o ser humano e o mundo. As grandes questões vinculadas à origem do universo, o sentido da existência, o agir do homem, a natureza do conhecimento, que até então eram respondidas pelas religiões e mitos, passam obter na Filosofia novas formas explicativas. O homem passa elucidá-las com os próprios meios que dispõe: a razão.

Ele descobre que com sua capacidade reflexiva e com os meios lógicos que vai inventando, poderia chegar a uma resposta racional sem recorrer aos mitos, que por milhares de anos, serviu aos seres humanos em suas buscas no esforço de tornar o mundo ordenado e inteligível. A final, ninguém vive em um mundo que não faça sentido. Em meio à multiplicidade e as realidades estáveis, ao peregrino e efêmero, passageiro permanente, a vida e a morte, o homem empreende uma caminhada na qual pretende desvelar alguma coisa de essencial que pudesse estar na base e na existência de tudo. Assim chega o homem a ideia de um princípio que se encontra na origem de tudo: a *arkhé*. Um princípio eterno, que tudo comanda, da qual tudo parte e a qual tudo retorna. A isto chamaram *physis*. Mas estávamos apenas no início da caminhada. Como base no que é mudança permanente e no que é imóvel e eterno, Platão, estabelece com esforço da razão e da dialética por ele criada, uma forma de conceber o mundo das coisas eternas e das passageiras. Este acontecimento marcará profundamente a forma de ver a realidade que chega até nossos dias.

Aristóteles dará um passo à frente. Aprimorará a contribuição do mestre. Fornecerá à razão além de refinamento conceitual, uma lógica rigorosa que deveria guiar em seu trabalho para que não se perdesse em sua atividade. Assim, da *physis* dos pré-socráticos, chegamos a ideia de ser, de uma

substância autossuficiente: Deus. Um Deus que nada cria, como ocorrerá posteriormente na visão cristã, mas que permite que cada coisa atinja a plenitude de suas possibilidades. Elas devem ser aquilo que deveriam ser. Sua Filosofia primeira se traduzia em uma Teologia, construída pelo poder da razão nascente, potencializada pelos instrumentos lógicos que dava ao homem certa autonomia em seu pensar e um novo ordenamento ao mundo. O poder da razão estava em levar os humanos a compreender alguma coisa que se escondia para além das aparências. Certamente que este fato levará os gregos a ter uma nova autopercepção de si.

Os filósofos, uma vez bem guiados pelos aportes lógicos, chegar a uma compreensão de totalidade do mundo. Poderíamos chamar este esforço iniciado com os gregos até o início da idade moderna, como uma *Filosofia da essência*. Mas uma nova revolução haveria de ocorrer no início dos tempos modernos: surge a *Filosofia do sujeito* que tinha em Descartes um de seus pontos de partidas. Se antes a razão apenas explicitava algo que estava para além dela mesma, sem nada colocar de si nesse conhecimento, agora as coisas se invertem. O mundo se constrói a partir da interioridade humana. Nada real encontramos para além do homem, apenas fenômenos. A lógica continua a ter seu valor, ela ajuda a construir o mundo desde a subjetividade humana, a partir de dentro, de uma ordem interna. A consciência não se volta para o mundo para detectar o que é essencial, pois este se encontra em si mesma, e com ela se estabelecer uma nova fundamentação para o conhecimento. É um período que se preocupa com a forma como o conhecimento é estabelecido. Buscam-se as bases para um conhecimento seguro, certo e evidente por si mesmo. Agora a compreensão do todo, uma realidade externa ao homem é colocada a partir da imanência do sujeito, da sua percepção do que se apresenta de imediato, do fenômeno... nada tendo para além dele. Não precisamos falar do que

significou para a consciência este novo momento. Tudo poderia se aprendido de forma imediata, clara e transparente. A consciência chega a um grau máximo de absolutização de si mesma.

O que nos interessou aqui foi chamar a atenção para esse processo no qual a consciência vai ganhando lugares distintos, novos postos, e reconhecimentos variados... até chegar um lugar proeminente no interior da atividade filosófica, ou melhor, centro da ação reflexiva. Isto se torna importante, para que possamos compreender o posicionamento de Freud diante da Filosofia e das pretensões de uma consciência confiante em seu poder. O pai da Psicanálise colocará a razão sob suspeita e a Filosofia sob desconfiança. Evidenciará um universo oculto, um dinamismo inconsciente subjacente as atividades racionais que determina todas as nossas ações e nossa maneira de ser, não sendo este subterrâneo de fácil acesso. Dele nada poderia dizer a Filosofia existente com os meios que dispunha. Para ele o inconsciente deveria ser tratado na sua alteridade em relação à própria consciência soberana e pretensiosa; pois como ele mesmo ressaltará, para a maioria dos filósofos os fenômenos psíquicos, ou melhor, a natureza dos fenômenos psíquicos vinculavam-se diretamente à consciência, para além da qual nada mais se tinha a perscrutar.

Para Freud escondia-se na atividade filosófica certo narcisismo, pela sua crença na onipotência das ideias, na força mágica das palavras, na pretensão de uma centralidade da consciência, como na convicção das possibilidades de criação de um mundo bem ordenado em sem lacunas.

É nessas crenças que se funda, no entender de Freud o dogma narcísico da Filosofia. Em última instância, quando os filósofos defendem o primado da consciência, estão racionalizando a defesa narcísica face do inconsciente. Donde a força e a

ilusão da Filosofia: de um lado, ela conforta racionalmente a crença narcísica do Ego; do outro, faz com que o homem se sinta soberano em sua própria alma. (JAPIASSU, 1989, p. 108).

Assim sendo, a Filosofia se constitui em uma rede de símbolos, com o objetivo de manter o homem em um mundo ideal e seguro, protegido das intempéries próprias que se encontram no fundo do lago, e nos desencontros da vida. O que dava segurança e proteção é o que também impedia os sujeitos de um encontro consigo mesmos, com o trágico, que para ele, o pai da Psicanálise, também fazia parte existência humana. Em outras palavras, ela impede uma reconciliação verdadeira do homem consigo mesmo. Não será nas ilusões gerada pela Filosofia que o homem iria encontrar o caminho de sua auto-compreensão, neste sentido a ciência terá para Freud uma responsabilidade e um compromisso com o homem; ela não lhe fornecendo um sonífero, assumia esta postura mesmo sabendo das censuras que poderia receber por sua pretensa honestidade. Dirá ele em *Inibições, Sintomas e Ansiedade*,

Sou hostil a visões de mundo. Deixemos isso aos filósofos: são eles que professam abertamente que a viagem da vida é impossível sem tal visão do mundo para dar-lhes informações sobre todas as coisas. Quando aquele que anda na escuridão canta, nega a sua ansiedade, mas nem por isso deixa de ver mais claro". E em Mal-estar na civilização, arrematará: "não tenho coragem de erigir-me em profeta diante de meus irmãos. Curvo-me à sua censura de não estar em condições de fornecer nenhum consolo. Porque no fundo, é isto que todos desejam apaixonadamente, tantos os revolucionários

mais arrebatados, quanto os mais bravos pietistas” (Apud JAPIASSU, 1989, p. 114).

Como pudemos indicar, Freud manterá uma divisão radical entre a Psicanálise e a Filosofia. A primeira pertencerá ao universo da ciência e terá como objeto o inconsciente e segunda, apenas uma visão geral do mundo, *Weltanschauung*. A primeira não precisa da segunda, pois ela não busca cosmovisão totalitária do mundo, uma ordem universal; ela pretende assentar-se apenas no saber oriundo da sua própria prática terapêutica, com apoio da metodologia científica empregada pelas ciências da natureza. A Filosofia, para ele, muitas vezes se constituía em obstáculos às iniciativas científicas, com suas ambições demasiadamente elevadas, querendo estabelecer conhecimentos absolutos. Por isso mesmo procurou se manter distante da tradição filosófica. Em certa ocasião uma filósofa francesa, Favez-Boutonier, manifestou o desejo de saber a opinião de Freud em relação a algumas questões metafísicas presente no pensamento em Espinosa. Na breve carta que o criador da Psicanálise lhe enviou datada de 11 de abril de 1930, entre outras coisas lhe disse: “Os problemas filosóficos e suas formulações me são tão estranhos que não sei o que dizer sobre eles, nem sobre a Filosofia de Espinosa” (Apud ASSOUN, 1973, p. 23).

Contudo apesar desse posicionamento crítico em relação à Filosofia não há como Freud escapar à mesma. Como nos ressaltará Hilton Japiassu, há ainda nele uma teoria do conhecimento, uma epistemologia. À medida que a Psicanálise se apresenta como um saber em torno de um objeto, ela tem que explicitar os princípios mediante aos quais este conhecimento é construído. Ele se viu obrigado a construir um *corpus theoreticus*, ou seja, uma metapsicologia, com o objetivo de orientar a sua prática, assim como, extrair do exercício clínico os conceitos de sua ciência. Desta forma podemos

dizer que uma atividade especulativa e filosófica também acompanha o seu trabalho, apesar de toda a sua reserva em relação à Filosofia. Certamente que a reflexão propriamente epistemológica avançou muito após o contexto histórico de Freud, o que nos possibilita novas configurações cognitivas para além daquelas as quais ele estava identificado em seu contexto. Posteriormente Jacques Lacan, um dos continuadores de Freud, postulará e realizará uma nova aproximação entre filosofia e psicanálise.

Por outro lado, Freud nunca deixou de recorrer a certos sistemas filosóficos que de alguma maneira serviu-lhe de base ao seu trabalho como uma antecipação do mesmo. Aqui poderíamos lembrar Platão (428–348 a.C.), Kant (1724–1804), Schopenhauer (1778–1880) e Nietzsche (1844–1900). Como nos lembra Japiassu, a referência a esses filósofos não se constitui apenas por citações esporádicas e sem significação, mas sim uma identificação de Freud com certas intuições presentes neles, que o ajudará na elaboração de suas constelações conceituais. Em Schopenhauer, o conceito de recalque presente no seu livro *Mundo como vontade de representação*, lhe será muito útil. Também a “*metafísica do amor e da morte*”, lhe permite visualizar a realidade de *Eros* e *Thanatos*, além é claro de estar marcado de certa forma pelo pessimismo do filósofo dinamarquês que é um de seus antecipadores. Quanto a Nietzsche, descobre nele,

uma antecipação de seu princípio pulsional fundamental: O Id. Toma-lhe de empréstimo considerações sobre o sonho, sobre a memória e a culpabilidade. Nesses filósofos “institucionalistas” encontramos uma valorização do instinto como princípio autenticador, o que desemboca em uma teoria do sentido: do querer-viver schopenhauriano à vontade de potência nietzschiana, é toda uma axiologia institucional que se promove.

Ademais, nessas Filosofias se encontram relacionadas uma teoria do instinto e uma “psicologia” dos motivos morais; encontra-se antecipado os principio de uma ‘psicologia das profundezas’ ou ‘psicologia abissal’, como Freud define a Psicanálise” (JAPIASSU, 1989, p. 99).

Não obstante às suas reservas em relação à Filosofia, o próprio Freud reconhece que esse saber pode ser de alguma serventia ao sábio, ao cientista. Ressaltará ele que os “grandes filósofos Platão, Aristóteles, Descartes, Leibniz abriam novos caminhos à pesquisa científica” (Apud JAPIASSU, 1989, p. 104). Contudo faz questão de distinguir a atividade científica, da especulação filosófica, e advogar o direito à verdade apenas à ciência, que deverá estar muito atenta às intromissões indevidas da Filosofia, da arte e, sobretudo, da religião, uma inimiga perene da ciência, pois oferece falsas e fáceis explicações, também garantias de felicidades, que ela não está em condições de oferecer. A oposição entre Filosofia e Psicanálise, nas convicções de Freud, são explicitada de forma clara pelo psicanalista francês Paul-Laurent Assoun,

à ambição especulativa de panconceitualiza, opõe-se o empirismo científico; à universalidade sistematizante, opõe-se ‘particularismo’ científico, limitado imediatamente a uma região determinada de fenômeno; ao fechamento do sistema, opõe-se a abertura experimental. Por conseguinte, é demarcado-se em relação ao apriorismo filosófico, tal como ele o concebe, que Freud define da melhor maneira possível a identidade da ciência analítica (ASSOUN, 1978. p. 46).

Julgamos suficientes essas considerações para as nossas pretensões nesse momento de nossa reflexão. Contudo proporemos algumas questões como forma de problematizar o que até agora escrevemos.

- Como a consciência e razão foram situadas no contexto das atividades filosóficas? Qual a desconfiança que Freud tinha dos filósofos e da Filosofia?
- Na construção de do saber psicanalítico qual metodologia o pai da Psicanálise empregou e defendeu?
- Freud conseguiu prescindir da Filosofia em sua iniciativa?

A decorative border featuring stylized pink and red flowers and leaves, with yellow accents, set against a dark teal background with light blue wavy patterns. The border is positioned at the top and bottom of the page, framing the central text.

Metodologia filosófica:

os desafios da investigação filosófica

Como postulam alguns filósofos o homem é um ser que mora no símbolo. Um dos instrumentos mais potentes inventados pelo ser humano é a linguagem. Ao mesmo tempo em que ela é memória, que guarda o legado de nossos antepassados, também nomeia as novas realidades vindouras ao universo humano. A Filosofia enquanto tal, não escapa ao seu domínio. Esse saber que se inicia com os gregos é uma forma específica de fazer uso da linguagem. Através dela podemos acessar as inúmeras maneiras como os homens do passado e do presente buscaram responder as exigências do seu tempo, desvelando um sentido possível para a existência humana e para o mundo, como vimos antes. A Filosofia articula-se assim a uma forma específica de uso da linguagem que perpassa a história por muitos séculos. Mas o saber inventado pelos gregos distingue-se de imediato da linguagem científica. Esta última vive das atualidades mais recentes do seu saber objetivo, obtida mediante a capacidade de refinamento de seus instrumentos e métodos experimentais de constituição do seu próprio conhecimento. Desta forma os modelos explicativos passados, perdem o poder de prever, diante dos desafios do presente; torna-se obsoletos diante de novos paradigmas de maior alcance explicativo, potencializando a capacidade humana de intervenção na realidade. Contudo é importante ressaltar que só chegamos ao estágio atual do processo científico, com base nas realizações passadas. Certamente que reinterpretações das conquistas de nossos antepassados sempre serão possíveis à luz das descobertas do presente. É o que advoga alguns filósofos e historiadores das ciências.

Quanto à Filosofia, não podemos considerar a contribuição passadas de nossos inúmeros filósofos, como um acervo de elaborações mortas e superadas. As Filosofias, mesmo as mais antigas, permanecem como um grande legado ao qual podemos recorrer, como uma loja de ferro velho,

aonde muitas vezes vamos ali para encontrar alguma peça que podem ser reutilizadas nos carros em uso. A tradição filosófica é resultado das reflexões que foram feitas, em um determinado momento da história, a partir de preocupações específicas e contextuais, através das quais novas respostas foram sendo dadas, como já nos referimos anteriormente. Embora o filosofar tenha partido de uma situação concreta vivida pelos filósofos e a sociedade do seu tempo, as elaborações filosóficas realizadas ganham a universalidade.

A Filosofia sempre busca o universal. Ela se torna um bem da humanidade, não é propriedade de um povo ou uma nação. Ela é de todos, nem sempre de acesso fácil e adequado. Podemos ler os filósofos dos mais variados tempos e lugares. O que pode ser comum foi o ponto de partida, os problemas que ocasionaram a atividade reflexiva do pensador. As questões de ontem poderão não ser os de hoje, mas a Filosofia gerada poderá nos ajudar nos desafios do presente. Assim sendo, a História da Filosofia, coloca-se como um grande laboratório de ideias que poderemos nos servir para refletir sobre nossa realidade. Daí um perigo: podemos ficar simplesmente remoendo as ideias e conceitos passados, em uma atitude meramente passiva e assimilativa. Neste sentido nos tornamos meros reprodutores das ideias importadas, não as submetendo a uma crítica necessária, que nos permite uma ação de recriação desses conceitos herdados. Podemos, então com criatividade, nos apropriarmos deste legado, para que possamos ser capazes de expressar e explicar a realidade que nos cerca. É oportuno lembrar que o ponto de partida da Filosofia sempre foi a vida, os problemas que angustiaram os pensadores, que viveram em contextos históricos concretos, distintos dos nossos. Foi a partir deles que os grandes sistemas foram gerados e construídos. A Filosofia tem um papel significativo no interior de uma cultura. Não se trata de todos

se tornarem filósofos profissionais, mas é importante que todos aqueles que escolheram este caminho sejam um intérpretes do seu tempo, explicitando o que possa ser significativo na vida de uma coletividade. Um filósofo não se encontra separado da comunidade a que pertence. O que ele escreve, ainda que de maneira solitária expressa os dilemas de seu tempo e de sua época.

Como já ressaltamos anteriormente, a Filosofia é possuidora de uma longa tradição, na qual abriga as mais distintas posições filosóficas. Trata-se de uma construção simbólica por trás da qual se encontravam certas expectativas e preocupações. O acesso a estas formulações é um desafio para nós. É como se fossemos chamados a adentrar uma mata fechada rumo ao seu centro. Precisamos ir estudando e escolhendo os melhores atalhos, contornando sempre os lugares mais difíceis. Não significa buscar facilidades, pois de qualquer forma, as dificuldades sempre se farão presentes. A motivação e a vontade de chegar ao lugar pretendido são as forças mais importantes que temos para atingir nossos objetivos. Certamente a estes se juntarão outros meios que facilitarão o acesso ao lugar desejado. Como podemos adentrar ao universo filosófico? Isto implica uma metodologia além da motivação. Sem uma orientação previa, uma metodologia adequada a esta realização, não temos como alcançar a meta. Não se trata de coisa fácil, daí o desânimo de muitos diante das primeiras dificuldades de acesso ao saber filosófico. Muitos se sentem impotentes para decifrar os seus símbolos e compreender os obtusos sistemas filosóficos. Não é por acaso que a Filosofia sempre foi vista como uma atividade de pessoas distantes, fora do mundo com ideias mirabolantes e de difícil compreensão. Aqueles que habitam as nuvens, que perderam a realidade. Essa visão ocorre diante da nossa dificuldade de acesso a este mundo aparentemente fechado da Filosofia. A apropriação da tradição filosófica implica certas

exigências, disciplina, empenho e dedicação; só aos poucos podemos perceber aquelas construções simbólicas se tornarem compreensíveis. Certamente faremos essa trajetória dentro de certos limites, o nosso espaço aqui é limitado. Torna-se importante recorrermos à bibliografia indicada, mas facilitar o trabalho investigativo a ser feito.



*O texto filosófico
e os seus desafios*



G uma leitura adequado do texto filosófico, torna-se um instrumento necessário e obrigatório ao estudo e conhecido deste saber específico. Através dele, podemos assimilar o legado herdado de nossa tradição filosófica. Não queremos dizer que Filosofia seja apenas isto, é bom lembrar que a História da Filosofia é resultado de um labor filosófico, de um filosofar, através qual o filósofo enfrentou certos problemas de sua época buscando respostas dentro do seu universo de conhecimento. Na anterioridade dos sistemas filosóficos ocorreram atividades reflexivas, na qual o filósofo envolvido nas graves questões presentes em sua época buscou encontrar caminhos que pudessem orientar o homem em seu mundo ou em sua vida. Contudo para isso ele também procurou ouvir os que seus antepassados disseram, para ali buscar os componentes que pudessem ser retrabalhados na construção dos modelos explicativos, também significativos aos homens de seu momento histórico. A isso já fizemos referência antes. Eles não apenas recorreram à História da Filosofia de forma passiva e assimilativa, não fizeram simplesmente Filosofia da Filosofia. Criaram os instrumentos conceituais que pudessem trazer alguma luz ao universo do qual faziam parte. A atividade filosófica não consiste em um simples repetir daquilo que os outros já disseram. Implica uma ação criativa através da qual vamos tallando as ideias e conceitos, para que com eles estejamos munidos de instrumentos conceituais que nos permitam ter condições de responder aos problemas que nos afetam, interpretar o mundo no qual estamos inseridos. A Filosofia tem como ponto de partida a vida, os problemas sempre específicos e próprio a cada época e tempo. Assim podemos dizer que a Filosofia pragmática americana, expressa a maneira de ser e viver daquele povo. O empirismo, também surgiu em um contexto com características particulares. Estudando sociedade inglesa podemos perceber as causas e origem de tal tendência filosófica. A Filosofia francesa também é possuidora de detalhes que emerge de

condições existenciais concretas. Poderíamos então, para concluir, dizer que a ação filosófica implica uma situação existência histórica e coletiva, assim como, o diálogo com a tradição. Caso recorramos às teorias feitas fora do nosso contexto histórico, sem a devida atenção ao trabalho de recriação dos conceitos poderemos ter um olhar desfocado da nossa realidade, pois ela sempre será um pouco diferente daquela que originou as representações filosóficas em outros contextos. Dessa forma teremos uma visão distorcida do mundo mais próximo aos nossos olhos, pois sempre haverá particularidades nossa que aquele universo externo não possui. Isso não é tão fácil de ser percebido. Nossos filósofos continuam muitas vezes sendo meros repetidores das Filosofias construídas do exterior, sem a devida atenção à vida que pulsa ao seu lado, das demandas que só ele poderá dar as respostas, pois elas pertencem ao solo no qual ele pisa. Com estas observações preliminares voltemos agora a uma análise deste meio insubstituível para o filósofo que é o texto.

Aparentemente o texto se apresenta para nós de forma estática, com sua rede simbólica, tecida de forma rigorosa e muitas vezes de difícil entendimento. Só aos poucos vamos percebermos um dinamismo próprio que se esconde por trás das palavras herméticas. Desta forma a paciência e a disciplina são fatores importantes para o domínio e entendimento de um texto. Uma das coisas que podemos perceber e distinguir são as multiplicidades de vozes que encontramos no interior do texto. Essas se apresentam através das perspectivas filosóficas, dos sistemas expostos, dos conceitos apresentados. É um espaço de conflito. Quem escreve, aquele que coloca o discurso em marcha, vai desfilando autores com os quais ele se identifica e aprecia, por outro lado, também se posiciona de forma crítica diante daqueles com os quais não se identifica. Às vezes convida um pensador da tradição para justificar suas posições, suas ideias, ao mesmo tempo, que indica os limites do alcance das ideias dos seus adversários filosóficos. Há

uma trama que se desenvolve, e podemos acompanhar este desenrolar; detectarmos as múltiplas matrizes de pensar é importante para compreendermos com clareza aonde aquele que dirige o texto quer chegar. Muitas vezes ele se coloca de forma clara e transparente as suas posições e afirmações. Às vezes ele desaparece, fica escondido, sua voz quase não aparece, colocando em sena as configurações filosóficas e conceituais daqueles que ele jogou no palco¹ buscado por vezes uma integração do mesmo, dentro

¹ Muitas vezes ele se coloca na função do autor, que enuncia: "eu". Em outras ocasiões ele aparece com um enunciador universal, "nós".

de uma unidade de sentido. Contudo cada filósofo busca um ponto de partida, na verdade sempre desenvolve suas reflexões a partir de uma avaliação crítica dos predecessores, tecendo uma rede simbólica que o insere no interior de um universo linguístico próprio, mas que

também trás as marcas de uma redefinição, um recorte pessoal. É fato que cada filósofo pretende inaugurar um discurso novo, partir de uma origem radical, mas como lembra Frédéric Consutta, (1994: p. 33) todo começo é apenas um recomeçar. Cada um apresenta uma variação nova em relação à tradição que lhe foi entregue.

É importante nunca perdermos de vista aqueles objetivos que o locutor do texto explicitou no início de sua reflexão, coisa que também nem sempre aparece de forma explícita e clara. Muitas vezes precisamos aprender a intuição que está subjacente ao desenrolar do texto. É preciso lembrar-se da pluralidade de forma e estilos que os filósofos desenvolvem, desde suas experiências próprias e pessoais. Cada um cria a sua forma pessoal de se expressar. Temos que estar sensíveis a esta diversidade de manifestações escritas, das maneiras como os enunciados filosóficos são expostos pelos vários personagens presentes no texto, e por aquele que o assume e chama para si a responsabilidade daquilo que se expõe. De qualquer forma é importante ressaltar, que o texto, *"se apresenta como uma*

polifonia enunciativa organizada em torno de uma referencia constituída pelo nome próprio, pelo pronome pessoal em primeira pessoa ou pelas denominações de escola. Ele coloca o movimento da reflexão sob a dependência de um locutor que é tido como aquele que o produz e assume sua responsabilidade" (COSSUTTA, 1994. p. 11).

Por outro lado, não podemos deixar de anotar, que o processo de construção do pensamento implica um destinatário, e sobre o mesmo se cria certa expectativa. Em nossa vida diária entre os vários tipos de discursividade que empregamos, existe aquele, cuja, preocupação é dar a conhecer ao outro nossas posições, assim como, justificar a legitimidade da mesma. Desta forma o que pretendemos é convencer o outro da coerência e pertinência daquilo que estamos a dizer, em outras palavras: pretendemos seduzir o outro. Este tipo de comportamento também se encontra nos textos filosóficos. De antemão sabe-se que o outro, aquele a quem o texto se dirige, não se apresenta de forma passiva, ele pode aceitar ou rejeitar as ideias expostas. A forma de se dirigir ao leitor pode ocorrer de várias maneiras. Há dois aspectos importantes a considerar: um didático e outro pedagógico. O didático vincula-se ao esforço que o autor do texto faz para torná-lo compreensível. Trabalha-se de tal maneira que todos os meios que favoreçam entendimento do leitor e a legibilidade do texto devem ser usados. Neste sentido, também se leva em conta possíveis objeções que poderia ocorrer por parte do leitor. Articulada à primeira, temos a função pedagógica, que visa uma identificação do leitor com as convicções que o autor expõe. O que se pretende é uma conversão do leitor, uma mudança em suas representações, com um discurso que para ele possa torna-se significativo. Essas considerações não apenas devemos levar em conta no nosso processo de leitura, mas também em nossa atividade de escrita. É preciso desenvolver aquela sensibilidade que nos permita

uma aproximação adequada ao leitor. Muitas vezes nem pensamos nisso, pois antes mesmo, já ficamos paralisados com medo das objeções que podemos receber. Antes mesmo de pensar no que poderemos dizer, nos tornamos preocupado com as possíveis críticas ou recusas daquilo que pretendemos dizer.





*Recriando os conceitos,
redefinindo os horizontes*

Os filósofos trabalham com conceitos, diferentemente da Arte que emprega as imagens. A Ciência também faz uso do conceito, contudo este sempre se refere a um objeto, a processos experimentais. A Física estabelece conceitos bem precisos em torno do seu objeto de investigações. Da mesma forma as Ciências Humanas, também constrói as suas ideias em torno do seu objeto de estudo. A Filosofia constrói os seus conceitos prescindindo de um objeto específico, e de uma atividade experimental. Os homens os criam na busca de construir modelos explicativos para que o seu mundo possa ficar mais bonito e sua vida possa ter sentido. O seu objeto não existe, ele é quem o cria. Assim os seres humanos aprenderam a construir sistemas simbólicos, articulando uma diversidade de princípios entre si, como forma de explicitar um significado para sua existência. Como já vimos ninguém vive em um mundo que não faça sentido. Desde os gregos aprendemos a construir representações articuladas de forma lógica, colocando neles significados que possibilitavam certas explicações do mundo. A palavra “essência”, é um conceito possuidor de vários sentidos. Na antiguidade ela encerrava um conteúdo semântico, na idade média outra. Já contemporaneamente o filósofo Husserl, fundador da Fenomenologia vai dar outra conotação. Muitas vezes podemos perceber que a mesma palavra, não é possuidora de um único significado, mas de muitos. Podemos dizer que em parte a atividade do filósofo se constitui em brincar com os símbolos da tradição filosófica, criando variações nos sentidos presentes nos conceitos estabelecidos anteriormente.

Diante dos sistemas conceituais filosóficos podemos ter duas posturas: ficar repetindo aquilo que eles disseram ou recriarmos os sentidos dos conceitos estabelecidos pelos pensadores.

Certamente que quando o filósofo estabelece os seus modelos explicativos, eles o fazem como alguém que constrói um par de lentes para olhar o

mundo. Contudo os mundos e os problemas são muito distintos. Os óculos que servem para uma adequada percepção de um, poderão não servir para outros. Assim sendo, o filósofo tem um papel importante, levando a diversidade de realidade e de mundo, o mesmo tem a incumbência de criar as lentes adequadas para a interpretação do mundo que o cerca. Os óculos criados na Alemanha poderão não ser apropriados para enxergar o universo latino-americano. Poderíamos dizer que as lentes são construídas com conjuntos de conceitos que nos dão a percepção do nosso mundo. A história da Filosofia é dessa forma um arsenal imenso de conceitos à nossa disposição para construirmos e inventarmos própria maneira de lermos o mundo. Estamos a reafirmar coisas ditas antes. É importante dizer que nenhum conceito é eterno, eles sempre são históricos, seu conteúdo semântico se altera. Ainda que uma palavra possa se prolongar na história, o seu significado nunca é perene. Assim cada filósofo fala sempre algo diferente daqueles que o precedeu, quando sabe usar da sua criatividade e cumprir a sua função. Talvez poderíamos perguntar: o que leva o filósofo a recriar os seus conceitos e com eles a uma forma de interpretar o mundo?

O que impulsiona o filósofo a essa tarefa árdua é o fato que o mundo muda. O homem é um ser histórico. As explicações que eram suficientes no passado não mais são no presente. Dessa forma podemos perceber que eles ficam com um pé na tradição filosófica, naquilo que os nossos antepassados disseram, e o outro fixado na realidade. E como ela muda, ele também precisa criar novos conceitos ou re-significar os antigos, para que eles possam ser atualizados e a realidade ganhe transparência. Isto envolve uma atividade criadora, o filósofo Guatari e Gilles Deleuze, nos diz o seguinte:

A Filosofia é, ao mesmo tempo criação de conceito e instauração de planos. O conceito é o começo da Filosofia, mas o

plano é sua instauração. O plano não consiste obviamente num programa, num projeto, num fim, num meio; é um plano de imanência que constitui o solo absoluto da Filosofia, sua Terra ou sua desterritorialização, sua fundação, sobre as quais ela cria seus conceitos. Ambos são necessários, criar os conceitos e instaurar o plano, como duas asas ou duas nada-deiras” (GUATARI; DELEUZE, 1992, p. 58).

Talvez uma simplificação das palavras do filósofo francês, que tanto admitava nosso País, e que muitas vezes o visitou, poderá ajudar o nosso leitor, recorrendo a uma experiência que todos nós vivemos. Quem já não experimentou em um determinado momento da vida, uma intuição que fez sua existência sair do eixo, onde todas as convicções que até então defendia acabaram por perder o sentido? Um acontecimento não decorrente de um processo reflexivo, mas brotando do mais profundo da nossa existência, de um solo pré-reflexivo, faz com que toda nossa vida precise de um novo ponto de partida. Não se trata de uma voz que veio de fora, mas uma iluminação que brotou de dentro, uma visão nova que se perde no infinito. Deste momento em diante eu preciso atualizar minhas representações buscar novas explicações que façam sentidos, pois as anteriores perderam a força explicativa. É este acontecimento que ele chama plano de imanência. É algo que acontece que me faz ver longe e em outra direção. Inclusive isso poderá trazer problemas para quem tem esta experiência, pois ele pertence a um grupo ou a uma comunidade. E todo aquele que começa a ter um olhar diferente passa a ser visto de forma diferente, passa a sofrer inclusive perseguições. É o que ocorreu muitas vezes com os filósofos, cientistas, religiosos. Quando todos os olhos estavam acostumados a ver em um determinado rumo, eles trazem outro novo, incomodando aqueles

que não são capazes de perceber a novidade. O novo existe primeiramente em nossas vivências, não é algo racional. Depois é que buscamos as novas palavras, conceitos, representações que possa expressar um pouco daquela intuição nova. Por isso difere os filósofos citados acima:

Se a Filosofia começa com a criação de conceito, o plano da imanência deve ser considerado como pré-filosófico”. E continua: “pré-filosófico não significa nada que preexista, mas algo que não exista fora da Filosofia, embora esta o suponha. O não filosófico está talvez mais no coração da Filosofia que a própria Filosofia, e significa que a Filosofia não pode contentar-se em ser compreendida somente de maneira filosófica ou conceitual, mas que ela endereça também, em sua essência, ao não-filósofos (GUATARI; DELEUZE, 1992, p. 57).

Acho que certamente você já deve ter tido esta experiência em sua vida, assim temos algo em comum com aquilo que os filósofos vivenciaram, pelo fato de serem humanos. Para eles esta experiência ocorreu em meio ao diálogo que ele estabelecia com a tradição filosófica e com os acontecimentos do mundo que de certa forma o afetou em seu *insight*. Poderíamos dizer que na Filosofia também existe aquilo que chamamos conversão, na linguagem religiosa. É um acontecimento que “desfaz” um passado e no leva a reconstruir tudo a partir de uma nova base. Daí que a Filosofia através dos filósofos vive uma tarefa permanente de destruir e reconstruir o mundo das representações, dos sentidos e dos valores que guiam o homem. Nenhuma Filosofia se impõe de forma absoluta, ela está sempre se fazendo. Mas não basta aquela experiência da novidade, daquela iluminação que nos faz ver uma nova vereda: é preciso criar os conceitos que expresse

aquilo que anteriormente foi vivido. Muitas vezes as palavras existentes não dão conta de explicar o que íntuímos de novo, daí a necessidade que temos que íntentar novas palavras nomeadoras das novas realidades que foram ganhando lugar no deserto da existência daquele que já não vive e nem percebe mais as coisas como antes via. Então como vocês podem perceber, por trás de toda atividade racional, de toda atividade argumentativa, se esconde algo de poderoso que move o filósofo e cada um de nós, que brota de regiões ínsondáveis do nosso ser.

Esse fato também ocorre na vida do cientista, suas íntuições ou ideias novas aconteceram, quando menos esperava. Contudo diferentemente dos filósofos que não saem do conceito, que trabalham a partir de uma exigência lógica na busca de explicitar o ínsistado, eles, os cientista, tem que recorrer à experiências e aos meios que a ciência exigem para ter validade científica. Concluindo, podemos dizer que a Filosofia em sua história se constitui em uma longa caminhada, com uma variedade de explicações tecidas com conceitos, tendo em sua base certas íntuições, maneiras novas de ver o sentido da vida e do mundo, que alguns homens tiveram em determinados momentos concretos de sua existência da vida de uma sociedade, sempre íntluenciado pela leitura da Filosofia passada e pelos problemas que os homens de seu tempo viviam. Nesse sentido o filósofo também deve ser um ínterprete do seu tempo, com seus sistemas explicativos, baseados em estruturas de conceitos articuladas de forma coerente, contribuir para com a sociedade no seu labor. Será que ficaram claras nossas explicações? Certamente em nossas discussões as observações aqui feitas poderão ganhar maior transparência e entendimento.

Síntetizando podemos dizer: toda leitura dos filósofos ímplica conhecer primordialmente aquela íntuição que possibilitou ao filósofo construir

o seu sistema explicativo. Enquanto não conseguirmos compreender em cada pensador aquela ideia-força que o mobilizou em suas explicações, não poderemos entender o que ele quer dizer. Mesmo em nossas conversas do dia-a-dia, ficamos por muito tempo sem entender o pensamento de um amigo, mas quando começamos a participar de sua vida entendemos as razões que o levaram a pensar do jeito que pensa, tudo fica mais fácil. É sempre necessário perceber o fio ínvisível que conduz alguém a refletir o que ele pensou. Caso contrário, ficamos como aquele que chupa o picolé enrolado no papel, na embalagem que o protege, e assim, não poderemos sentir o gosto do mesmo, dessa forma não poderemos saborear”í vivencias e expectativas que se escondem por trás das ideias. Não podemos perder de vista, como já nos referimos anteriormente, que a Filosofia tem como ponto de partida a própria vida, é preciso aprendermos a perceber a relação dos conceitos com as vivencias que lhe deram vida e mobilizou o filosofo na entrega de sua própria vida a resolver certos problemas pertinentes a todos.

Deixaremos mais algumas questões, para que cada um possa fazer sua reflexão pessoal.

Atividade

- O que é a Filosofia?
- Qual a relação que podemos estabelecer entre a tradição filosófica e realidade que pulsa diante de nós da qual fazemos parte?
- Qual o papel da intuição para o filósofo?
- O que significa dizer que o filósofo trabalha com o conceito e um aporte lógico? Quais são as dificuldades que podemos encontrar na leitura de um texto filosófico
- Em que sentido podemos dizer que o universo simbólico filosófico é um espaço de um permanente conflito?
- Qual é a importância do filósofo para a sociedade?



Epistemologia
e metodologia psicanalitica



A Psicanálise se apresenta também como uma rede de conceitos e práticas construída por Freud, em um processo de permanentes mudanças. No seu labor foi incansável no sentido de aprimorar os conceitos de tal forma que eles pudessem nomear os resultados de suas observações a partir de sua experiência clínica. Sob certos aspectos a Psicanálise tem um comum com a Filosofia o fato de não prescindir de um sistema simbólico explicativo, ainda que de natureza diferentes. Mas se distancia da Filosofia à medida que a investigação propiciadora dos conhecimentos adquiridos não se encontram desvinculados de um processo de intervenção clínica. Desta forma como advogam alguns estudiosos, tratamento e pesquisa caminham juntos na formulação de um vocabulário situados no contexto de uma nova linguagem que a Psicanálise inaugura. Um dos problemas que Freud terá que enfrentar é justamente o de definir a natureza desta linguagem. E aqui nós nos inserimos no horizonte da reflexão epistemológica. E a questão aí presente é justamente aquela de saber que tipo de conhecimento é este. Posta esta pergunta, uma pluralidade de manifestações se levantam na tentativa de situar este saber no quadro mais geral dos demais conhecimentos. As respostas serão dadas de acordo com aquilo que cada um poderá compreender por ciência. As posições são múltiplas e muitas vezes destoantes. Não há consenso. Para Karl Popper, por exemplo, importante pensador da Filosofia da ciência, embora reconhecendo a importância da Psicanálise, nos horizontes daquilo que entende por ciência, não aceitará sob hipóte-

² Cf. *Lógica da Pesquisa Científica*. 2 ed. São Paulo: Cultrix. se nenhuma o novo saber criado por Freud, no rol dos conhecimentos tidos por científicos. Os enunciados na Psicanálise não são falseáveis. Para referido filósofo não há como falsear os enunciado da Psicanálise, ele fere alguns princípios fundamentais daquilo que ele entende por lógica da ciência². Pensadores, entre eles Althusser, Alan Badiou, Habermas, Deleuze, e outros, defenderão outras

posições em relação ao saber psicanalítico.

Há também que se considerar a defesa de alguns pensadores de uma pluralidade de racionalidade a partir da qual os vários saberes são construídos. Não há uma racionalidade universal e única. É por exemplo o que defende o filósofo francês Gerard Lebrun, nos horizontes de sua epistemologia racionalista. Segundo ele cada Ciência é possuidora de liberdade para estabelecer os seus caminhos próprios, com certa autonomia. Desta forma ela em suas expressões individuais não ficaria engessada em referências rígida e absoluta de ciência. É desta perspectiva que parte o conhecido psicanalista brasileiro Renato Mezan.

Freud, como já vimos era um homem de Ciências. Muitas das suas atividades investigativas ocorreram no interior das ciências da natureza e seria difícil conceber a Psicanálise fora destas referências na qual ele se formou. Naquele momento histórico em um universo propriamente epistemológico se configurava duas posições divergentes. Diante de uma tendência mais antiga de epistemologia centrada na investigação sobre a natureza, surgia um grupo defendendo a necessidade de se encontrar procedimentos adequados ao estudo do próprio homem. Estes postulavam uma ciência do espírito com características peculiares, pois acreditavam que homem era possuidor características próprias e não poderia ser estudado ao modo dos objetos naturais. Com isto se formou, uma metodologia de investigação do humano, aquilo que denominaram ciências do espírito. Pleiteavam novos caminhos e procedimento para pesquisar a experiência humana, pois percebiam nos procedimentos empregados nas ciências da natureza certo reducionismo, incapaz de apreender o fenômeno humano e social naquilo que eles tinham mais essenciais Trata-se de uma das discussões das mais interessantes da história da epistemologia. O filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911) é um dos mais importantes pensadores desta tendência,

na verdade o seu iniciador, procurava explicitar a importância da via interpretativa e não explicativa no conhecimento do homem.

Freud era identificado ao modelo explicativo científico. Ele não aceita a divisão proposta por Dilthey, entre ciência do espírito e da natureza. Ainda está preso a certo monismo epistemológico oriundo do pensamento alemão, sobretudo das posições naturalista de Ernest Haeckel (1834–1919), que segundo Japiassu (1989), insistia na unidade fundamental existente a realidade orgânica e inorgânica, para a qual é torna-se difícil estabelecer uma distinção absoluta entre o reino animal e humano. O que é tido como ciência humana na verdade se constitui apenas em uma parte das ciências da natureza. Nele o conceito de inconsciente se apresentava como uma parte da realidade a ser tratada de forma objetiva, apresentando-a em articulação com as forças naturais presente no homem. Há uma ciência do inconsciente.

Embora possamos afirmar que a atividade interpretativa também esteja presente como parte da ação clínica ela corre como momento de um modelo explicativo presente nos postulados definidos para a ciência na sua forma de concebê-la. Desta maneira ele se distancia em parte dos cânones das ciências até então praticadas. Uma das primeiras tarefas de Freud é justamente a defesa do inconsciente, ou melhor, evidenciar a sua existência real. Para Freud isto já havia sido posto a mostra desde as práticas hipnóticas anteriores a psicanálise. Para o inovador pensador, determinados fenômenos lacunares a consciência, tais como atos falhos, lapsos, sintomas, chistes, são reveladores de uma dinâmica existentes obedecendo a leis próprias para além da consciência e não redutíveis à mesma. É no trabalho clínico que o desvelamento desta realidade essencial se coloca à mostra em toda sua pujança. E para o fundador da Psicanálise não se trata de qualquer construção especulativa, mas sim de um

trabalho calcado por completo em uma atividade empírica.

Outro componente fundamental, evidenciador do inconsciente é o fenômeno da transferência, e ele se faz presente no processo de tratamento analítico, quando as manifestações inconscientes são apreendidas pelo próprio analisante.

Na situação analítica, pautada pela transferência, o analisante supõe que o analista detém o saber sobre si. Ao analista compete sustentar a transferência que lhe é dirigida, assumindo uma posição de escuta perante o analisante, desenvolvendo-lhe como um espelho a mensagem que recebe deste. Dessa forma, permitira a emergência e o reconhecimento deste saber inconsciente por parte do sujeito (PALOMBINI, 1996, p. 41).

Para Freud a existência do inconsciente, também pode ser afirmada mediante os limites que encontramos na própria consciência, em termos de seus conteúdos em determinado momento dado. A consciência é invadida por aspirações, desejo, interesses, que até então estavam excluídos do seu território. Isso alimenta a hipótese freudiana de uma esfera existente e possuidora de um dinamismo próprio que irrompe no nível da consciência, trazendo conteúdos novos antes excluídos. Não apenas podemos constatar a existência do inconsciente, mas também justificar esta produção cognitiva. Isto abre o caminho para aquilo que ficou sendo conhecida como metapsicologia, ou em outras palavras, uma reflexão com pretensões de validação dos conceitos estabelecido para o desvelamento daquilo que se encontra para além da própria consciência. Contudo Freud sempre se manteve prudente em relação às possibilidades dessa construção. Ele aos poucos delimita uma perspectiva de construção conceitual que deverá

ocorrer de forma paulatina. A ciência não estabelece os seus conhecimentos de forma rígida e absoluta. Ela é um processo de elaboração paciente, iniciando muitas vezes sob o signo da precariedade conceitual, para aos poucos alcançar consistência, ordenamento e articulação em seus enunciados tendo como referencia o material empírico disponível. Assim se

³ São diversas as formas de resistências que obstruem o processo analítico: o silêncio do analisado que se recusa a falar, ou então falar de assuntos não relacionados com à sua experiência, não abordar certos assuntos, não comparecer as sessões de análise previamente-marcadas.

poderia com o pensamento estabelecer uma adequação dos pensamentos aos fatos e a justa articulação dos conceitos entre si.

Contudo para poder dar conta de sua metapsicologia Freud vai estabelecendo alguns arranjos que o distancia de algumas concepções científicas consagrada em seu tempo. Criando variações

novas para que pudesse dar prosseguimento à sua investigação em torno do objeto por ele definido. Para alguns estudiosos do mestre é claro, por exemplo, a distancia que estabelecerá ele em relação à proposta de Ernest Mach. O qual foi para ele uma referencia quanto ao ideal da pratica científica. De certa forma há uma tensão entre o saber freudiano com as suas peculiaridades e as exigências do modelo tradicional de se fazer ciência. Assim sendo, há necessidade de se criar uma variação metodológica nova que possibilite a Freud as condições necessárias para que a ciência psicanalítica pudesse realizar suas atividades e se estabelecer como conhecimento. Esta tensão se acomoda, com as adequações que Freud fará do modelo científico tradicional, realizado aí alterações que lhe permita responder as exigências de sua construção. Neste sentido nos dirá Analice Palombini,

Consideramos que esta tensão, necessário ao andamento ao projeto freudiano de uma nova disciplina científica, tem seu ponto de sustentação no cruzamento de três vértices: a experiência psicanalítica; a conceituação desta experiência; a conexão entre os conceitos e os fatos da experiência. Cada um destes vértices define-se a partir de um termo que, se por um lado, justifica a aproximação com o modelo cientificista, por outro vem justamente dar conta desde movimento de subversão interno à obra freudiana. Trata-se respectivamente, do conceito de transferência, que destitui a observação do campo psicanalítico; do dispositivo de ficção, que não se deixa reduzir a conceituação abstrata própria, por exemplo, às ciências físicas e matemáticas; da idéia de causalidade inconsciente como determinante do modelo explicativo que se sobrepõe à interpretação e encontra expressão no vocábulo alemão Deutung. (PALOMBINI, 1996, p. 66).

Estas são as bases para se pensar uma epistemologia da Psicanálise, segundo a autora. Primeiro Freud precisou para dar conta da sua atividade, de inovação teórica, redefinindo a própria experiência da clínica em relação ao que existia. Abandonando, inclusive, uma perspectiva biologizante que associava a loucura com enfermidade. Ele irá através da escuta, e não da observação, a perceber como a psicopatologia se manifesta na atividade escutante do analista. Coisa muito distinta daquilo que tradicionalmente se fazia. Neste sentido a linguagem tem um papel essencial na revelação da subjetividade do paciente. Através da fala do sujeito ele é capaz de ir visualizando as raízes dos problemas daquele que fala. A cura poderá se dar no processo de fala, nele o sujeito se percebe e se transforma. Uma vez

que o sujeito através dos procedimentos analíticos alcança a sua própria verdade, poderá realizar a sua cura. O saber analítico é então resultado deste processo, desta experiência. É uma elaboração com base na atividade analítica. No coração desta experiência encontra-se a transferência.

Nela as experiências passadas são revividas, rememorada no contexto de análise, no qual analista e analisando se encontram como participantes do processo, de uma situação analítica. O analisando projeta ou transfere para o analista seus sentimentos, emoções, desejos, vividos no passado em relação a outras pessoas em sua experiência anterior. Com o analista ele atualiza e revive estas experiências. Sem transferência seria impossível o processo analítico. Aí também se encontra presente o fenômeno da resistência³, mediante a qual o analisando tenta fugir das experiências do passado, das situações de dor e sofrimento, das lembranças que provocaram seus bloqueios e traumas. Um acontecimento que ocorre de forma consciente ou inconsciente, mas ela também é a chave, através da qual se penetra no inconsciente por meio da presença do Outro, que possibilita escapar ao discurso consciente, a superar estas barreiras e obstáculos para chegar ao que é essencial, ou seja, a causa dos problemas, às lembranças dolorosas que causam sofrimentos. Daí a importância da habilidade do analista para trabalhar com estas situações e tirar o melhor proveito da mesma no trabalho terapêutico. Certamente que esta atividade distancia-se do protocolo dos experimentos tradicionalmente conhecidos, não verificação imediata e nem observação. Não há uma relação de exterioridade entre sujeito e objeto como ocorre no processo de investigação científica já canônica. O objeto em investigação é o sujeito do inconsciente, com seu desejo e sonhos. Neste sentido a livre associação do analisando e a escuta do analista joga um papel importante. Mas não é uma mera escuta, a ela vincula-se, certa ação interpretativa, que não pode ser realizada com base

em critérios externos à relação transferências (Palombini, 1996, p. 71). Assim Freud foi obrigado ainda que fiel ao espírito científico, como já vimos, buscar variações ou procedimentos novos que pudessem se ajustar a sua inovadora práxis terapêutica.

Além do conceito de transferência que obrigou Freud, a inovação metodológica em sua investigação, a autora fala também de um outro conceito importante, que força o criador da Psicanálise a escapar da prática tradicional aceita em pesquisa: conceito de ficção. A metapsicologia, enquanto discurso freudiano evidenciador da realidade clínica e conceitual, foi construído como ficção. Ficção ganha positividade à medida que é capaz de construção de um discurso criador de conceitos e de mudança subjetivas, sobretudo, afetivas. Assim temos uma realidade psíquica ficcional, o que não quer dizer, que não seja possuidora de concretude real, de um instrumento heurístico. Coisa parecida com a ficção literária, que se torna tanto mais real quando mais ficcional. Que se distanciando da causalidade do mundo real, mas não é despossuída de uma lógica que articuladora dos conceitos, lucidez e assim como de clareza. Daí o interesse de Freud pela literatura e pela sua lógica, pois ela poderia se constituir em um elemento importante na elaboração do seu paradigma do dinamismo psíquico. Na ciência a teoria científica tem um papel precípuo para orientar a observação e a experiência, com objetividade e rigor. Mas a Psicanálise tem em seus caminhos outra ordem de realidade, que exige um novo tipo de objetividade, um corpo teórico iluminador da experiência terapêutica. A realidade a partir da qual trabalha não existe *a priori*, tal como acontece nas ciências naturais, mas a *posteriori*. O inconsciente não é resultado da observação direta e imediata, mas uma ficção teórica. O mesmo só pode ser percebido com base em certos conceitos. Esse referencial teórico organizado, não apenas orienta o clínico em seu olhar, mas define as condições

de observação. Isto implica uma atividade na qual o fenômeno possa falar sua própria linguagem, mantendo-se fiel aos acontecimentos psíquicos sua linguagem ficcional é capaz de explicar os problemas neuróticos, nos horizontes dos conceitos criados.

Como já fizemos referencia antes, no final do século XIX uma discussão transcorria envolvendo a natureza do conhecimento científico. De um lado havia os não apenas identificados com as ciências da natureza, mas também estavam convictos que os seus instrumentos eram suficientes para explicar os fenômenos do espírito. Por outro lado haviam aqueles que defendiam uma ciência específica para o conhecimento humano. Nesse caso a hermenêutica colocava-se como método apropriado para esta incursão. Era uma posição que Freud se recusa a assumir, a Psicanálise não deveria assumir uma metodologia interpretativa, pois via nisto um distanciamento da ciência. Para ele o ideal de cientificidade continua com as ciências da natureza, ele continua devedor ao fisicalismo de Mach. Contudo, tal como era usada esta metodologia apresentava limites para os conhecimentos psicanalíticos. Ainda que mantivesse uma pratica interpretativa na terapia e o deciframento dos sonhos, distanciava-se um pouco dos modelos explicativos do saber científico. A interpretação quando ocorresse, não deveria dar com autonomia em relação às causas que se encontrava na base dos processos psíquicos, As causas seria o ponto de apoio e segurança.

A explicação em Psicanálise, portanto, não pode ser meramente uma explicação de motivos, uma vez que as relações de sentidos não se dão em linhas de continuidade, sendo atravessada por um deslocamento tópico (do sistema pré-consciente e consciente para o sistema inconsciente) que faz com que o inconsciente produza efeito semelhante aos de causa exterior.

E, no entanto, ela também não é uma explicação causal em sentido estrito humeano, pois a relação entre seus termos não é uma relação de pura exterioridade, mas envolve um encadeamento significativo (PALOMBINI, 1996, p. 88).

No marco dessa reflexão, poderíamos dizer que o chiste e os sonhos não são para se interpretado, mas deve-se evidenciar a sua significação em um determinado momento dado. O sujeito então se dá conta de algo que não estava percebendo, ou seja, do qual não tinha consciência, estava associado a manifestações do inconsciente, a algo recalcado. Aqui a ideia de significação *Deutung* joga um papel importante, é ela que interessa, se de certa forma, como já nos referimos antes se articula ao recalcado que é explicitado. Há uma tomada de consciência por parte do sujeito, ele o assume, esse conhecimento faz a diferença.



Pesquisa em Psicanálise



Na linha do que já havíamos iniciado antes, poderíamos dizer que a Psicanálise já é possuidora de um grande cabedal de conhecimentos, possui uma tradição de investigação e resultados, são quase cem anos de trabalho, por outro lado, como nos afirma Mezan, há uma situação paradoxal. Ou seja, em torno do inconsciente uma gama de conhecimentos científicos foi produzida, contudo, quando nos aproximamos dos procedimentos usualmente usados na pesquisa científica, os conhecimentos adquiridos no interior da Psicanálise não guarda proximidade com estes protocolos (observações, controle, previsões, etc.). Desta forma a questão da natureza e da progressão do conhecimento em Psicanálise passa a ser um problema permanentemente discutido. Por outro lado, coloca-se a relação da Psicanálise com a Universidade. Como sabemos a relação de Freud com as instituições universitárias não foram tão tranquilos no início. Caso ele não tivesse criado os meios de construção do conhecimento e divulgação, provavelmente a Psicanálise não teria sobrevivido em meio a uma atmosfera hostil encontrada nos seus primórdios. Contudo, com os meios de formação própria a Psicanálise conseguiu criar espaço adequado de produção de conhecimento, que pode lhe garantir a sobrevivência para além dos espaços próprios de pesquisas, oferecidos pelas universidades. Como afirma Mezan 1993, o que nós vemos ao longo do tempo é uma mudança da universidade em relação à Psicanálise, a hostilidade inicial, foi substituída por uma adesão e aproximação que tem permitido um espaço novo de acomodação do saber freudiano no interior das instituições universitárias. Hoje encontramos a Psicanálise disseminada não apenas em cursos de graduação, mas também pós-graduações. Ou seja, cursos dedicados especificamente à pesquisa. Certamente que este acontecimento é importante não apenas para a Psicanálise como para a própria universidade. Não há como ignorar a contribuição de Freud

no contexto da cultura contemporânea.

Assim dois espaços de pesquisas se abrem. Ao primeiro e mais antigo, acrescenta as práticas investigativas mais recentes no interior das universidades, que tem os seus primórdios no ensino de Psicanálise que tem seu início por volta de 1919. Como nos lembra Mezan (1993), neste período Ferenczi, motivado pelas mudanças educacionais que estava ocorrendo na Hungria, solicitou a Freud que escrevesse um livro sobre o ensino da Psicanálise na universidade. No mesmo, o pai da Psicanálise sugere que fossem estabelecidos dois cursos. Um voltado para os alunos vinculados às ciências humanas, aos quais possibilitaria o acesso aos conceitos mais gerais do novo saber. Por outro lado, recomendou também um curso destinado aos alunos de psiquiatria. Naquele contexto, não tínhamos ainda os cursos de psicologia. Deveria proporcionar aos alunos uma percepção da dinâmica da vida psíquica, assim como, noções do processo clínico terapêutico vivenciado na Psicanálise. Contudo Freud sabia dos limites dos cursos propostos ou oferecidos nas universidades, pelo menos naquele contexto histórico, os mesmos estariam distante de uma formação sistemática promovidas pela instituição psicanalítica. Por isso mesmo destacará ele,

naturalmente seu ensino só poderá ter um caráter dogmático e crítico, por meio de aulas teóricas, pois nunca, ou só em casos muito especiais, oferecerá oportunidade realizar experimentos ou demonstrações práticas. Para os fins da investigação que o docente de Psicanálise deverá levar a cabo, bastará que disponha de um consultório externo, que forneça o material necessário sob a forma dos pacientes denominados "nervosos" (Apud, MEZAN, 1993, p. 52).

Nos termos da citação podemos perceber que para o pai da Psicanálise o papel da universidade, se restringiria a um meio de divulgação da Psicanálise. A atividade investigativa enquanto tal pressuporia condições adequadas, diferentes daquelas oferecidas pelas universidades, que deveria se encarregar apenas da transmissão de forma coerente e crítica dos saberes existentes em torno do inconsciente. É com esta preocupação no entender de Mezan, que Freud, por exemplo, escreveu em 1916–1917 as *Conferencias de introdução à Psicanálise*, assim como, outros textos tendo como objetivo primeiro a exposição de suas ideias.

Certamente que esta posição assumida por Freud naquele período, será bem diferente de muitos estudiosos contemporâneos de sua contribuição, de forma particular poderia lembrar Jean Laplanche, que por mais de 20 anos trabalhou oferecendo curso sobre Psicanálise na Universidade de Paris VII, o que resultou em diversos volumes de estudos ainda não inteiramente publicados. Para o referido pensador francês as possibilidades de se falar de Psicanálise no interior da universidade não deve sofrer qualquer desqualificação, ou despreço por parte dos psicanalistas. Segundo ele não deve haver uma oposição entre o saber estabelecido e difundido na universidade e as verdades pessoais e intransferíveis a ser obtidas por cada um em seu processo de análise. Para ele, como interpreta Mezan *“nem o saber psicanalítico é tão sedimentado assim, nem a verdade pessoal Cantona-se na esfera do inefável, do insight obtido no divã ou elevador do psicanalista”* (MEZAN, 1993, p. 53).

Há que se considerar, no entender do professor da Universidade de Paris, que há uma imensa literatura vinculada a Psicanálise com a qual o estudante terá que confrontar-se, e desta forma, os cursos poderão ser úteis nesta socialização dos saberes. A possibilidade de se inteirar dos conhecimentos já sacralizados por uma tradição se constitui como ponto de

partida de qualquer trabalho investigativo posterior. Por outro lado, há que considerar a diversidade de posições no interior da Psicanálise. Neste sentido podemos falar de uma história da Psicanálise que não é propriamente Psicanálise, mas torna-se importante o conhecimento dos problemas e das formas como eles colocaram em marcha inúmeras tentativas de respostas, assim como, a colocação de nossas questões. Para Mezan, Laplanche abre um caminho interessante de pesquisa sem se ater aquilo que se chamou material clínico. A sua forma de trabalhar,

Consiste numa leitura histórica, problematizante e interpretativa dos possíveis textos psicanalítico. Pretende mostrar assim que é possível ler os escritos analíticos de um modo analítico, não interpretando as fantasias dos seus autores, mas utilizando como instrumento o método psicanalítico e suas categorias heurísticas: a atenção aos detalhes dissonantes, instaurada pela Psicanálise, com os seus conceitos-chaves de repetição, de retorno do reprimido, etc” (MEZAN, 1993 p. 54).

Com tal iniciativa Laplanche, coloca em questão as possibilidades de uma pesquisa que possa realizar uma retomada histórica e crítica dos conceitos e das formas como o pensamento freudiano passou por um processo de evolução histórica. A questão que se lança é justamente a seguinte: poderá a universidade ir para além das funções estabelecidas por Freud no início do século passado, ou ela conseguirá trazer contribuições significativas para a Psicanálise? Parece-nos que Laplanche com o seu trabalho indicou um caminho fecundo, para os estudos de Psicanálise no âmbito da Universidade, à medida que abre espaço para a investigação dos conceitos psicanalítico em sua evolução histórica em relação aos próprios objetivos

estabelecidos pelo saber psicanalítico. Certamente que este horizonte mais amplo que tem sido objetivo de pesquisa nas academias torna-se um requisito necessário a todos aqueles que têm pretensão de um trabalho clínico, e mesmo de uma investigação com base do material clínico. Não há como prescindir desta elaboração previa que visa situar a Psicanálise em seu devir, e na constituição dos seus conceitos. De certa forma poderíamos dizer, que as pesquisas tanto no âmbito no universo clínico, como aquele que se realiza com base nos textos existentes, parte da literatura psicanalítica são complementares, no atual contexto da evolução do saber iniciado por Freud. São dois aspectos em interação permanente. Penso que Renato Mezan, sintetizou muito bem o quadro em que nos encontramos hoje com a evolução da Psicanálise:

Ela fornece assim “classes infinitas de possíveis”, orienta a atenção do analista para certas questões, mas não fornece nenhum método geral para encontrar a solução do problema específico que está sendo considerado naquele instante. Por esse motivo não se pode falar da aplicação da teoria ao tratamento; mas também é verdade que um analista completamente virgem de qualquer contato com a teoria simplesmente não escutaria nada capaz de possibilitar intervenções eficazes. Na situação analítica, a teoria funciona como a estrela polar para o navegante: fornece coordenadas para o percurso, permite alguma ideia do rumo a tomar; mas não é o alvo que se quer atingir; Colombo não queria chegar a Ursa Menor, mas às Índias — e, como muitas vezes acontece na análise, chegou à América” (MEZAN 1993, p. 58).

Mais algumas questões para pensarmos:

- O que diferencia as ciências da natureza e a ciências do espírito?
- Do que trata a epistemologia da Psicanálise?
- Do que trata a epistemologia da Psicanálise?
- Podemos fazer pesquisa em Psicanálise mesmo sem ser psicanalista?

A decorative border featuring stylized pink and red flowers and leaves, with yellow accents, set against a dark teal background with light blue wavy patterns. The border is positioned at the top and bottom of the page, framing the central text.

*Por onde começar
as nossas investigações*

A rápida reflexão realizada até agora teve a pretensão de nos situar no contexto mais amplo da metodologia filosófica e psicanalítica. Por trás de cada um destes saberes escondem-se inúmeros problemas e reflexões em torno da natureza e dos processos de construção destes conhecimentos específicos. Neste sentido talvez tenhamos trazido outros aspectos distintos daqueles que foram tratados até agora no curso: também necessários e importantes. Com a chegada ao final do curso, novas exigências se impõem. Somos agora convidados a um trabalho de elaboração monográfico. Certamente não se trata de algo estranho à nossa vida de estudo. Muito provavelmente já passamos por inúmeras situações semelhantes a esta. Algumas alternativas se apresentam como ponto de partida. Como o curso é em Filosofia e Psicanálise, poderemos fazer opção por uma das áreas, de acordo com nossas identificações e formação. Trata-se de uma escolha que poderá avançar para além dos limites do curso realizado. Ou seja, a partir das formações acadêmicas anteriores poderemos estabelecer novas formas de articulações com os saberes apropriados. Sabemos que tanto a Filosofia como a Psicanálise oferecem espaços que nos possibilitam a continuidade ao acesso destes saberes, no caso de pertencermos a outras áreas do conhecimento.

Também podemos fazer a opção de uma monografia que possa estabelecer uma articulação entre Psicanálise e Filosofia. O que é decisivo é o fato de fazermos alguma coisa com a qual tenhamos identificação com aquilo que vamos pesquisar. Este trabalho não deve ser apenas a realização para atender uma exigência acadêmica com a finalidade de concluir o curso. É importante que ela nos seja significativa, expressão de vida, contribuindo para a nossa formação humana e profissional, e de forma prazerosa. Assim sendo, os desafios colocados e as dificuldades que se apresentarão poderão ser superados com tranquilidade. Portanto a primeira exigência é que

possamos realizar algo que queremos, desejamos e que nos faz crescer em conhecimento e humanidade.

Depois é preciso também ter claro que os referenciais que usamos aqui, muitas vezes tinham em vista um quadro mais rigoroso e refinado da investigação nas duas áreas de saber. Isso não deve nos inibir no nosso processo investigativo. Seremos cobrados dentro das nossas possibilidades, levando-se em conta o nosso processo formativo. Na verdade o trabalho a ser elaborado terá um caráter didático-pedagógico. Ele deverá nos ajudar na articulação criativa daquilo que foi discutido, com um pouco mais de densidade, com base no que nos foi pertinente e importante. Assim está excluído qualquer pretensão de uma originalidade diante da cultura psicanalítica ou filosófica como um todo. Para muitos o curso representou apenas uma primeira e inicial incursão nesses saberes. Assim a cobrança que poderemos fazer de nós mesmos tem limites. No futuro poderemos dar passos mais ousados, com base em um trabalho sério e dedicado que podemos realizar agora. É importante ressaltar que a autonomia intelectual, a capacidade reflexiva, o domínio de uma certa área do saber é um trabalho que leva tempo e exige bastante disciplina e esforço. É possível que para alguns suas pretensões sejam mais modestas, vivam no curso apenas uma possibilidade de ampliar os conhecimentos e qualificar um pouco mais as suas cosmovisões pessoais. Isso não deixa de ter pertinência, pois representa também o curso, uma iniciativa que oportuniza instrumentos com os quais poderemos nos conhecer um pouco mais, assim como, o outro. O que trará também consequências positivas às atividades profissionais que eu possa estar desenvolvendo.



Concluindo

Bem, chegamos ao final do nosso itinerário reflexivo. As dificuldades foram explicitadas no início. Entre elas, a de explicitar de forma clara e bem delimitada os caminhos de nosso trabalho investigativo. Apresentamos cenários cognitivos distintos, na medida do possível articulações possíveis entre eles. As discussões no interior da Filosofia são infundáveis, existem tantas Filosofias quanto o número de filósofos. Não há consenso, e certamente nunca haverá, também não existe a melhor Filosofia. A melhor é aquela que é capaz de dizer alguma coisa na qual eu me encontro e me descubro. A metodologia filosófica, como vimos, é um instrumento importante que me permite acessar essa pluralidade de vozes ou discursos filosóficos. A Psicanálise também apresenta uma variedade de posicionamentos, embora se mantenha unidos em torno de alguns conceitos-chaves. Quando deles se afastam muito a exclusão, a “auto-exclusão” acontece. Foi o que aconteceu com Jung e Adler. Mas mesmo considerando uma estrutura conceitual mais ou menos fixa, as novas variações nunca deixaram de ocorrer no interior da Psicanálise. O que a torna sempre dinâmica e viva. O próprio Freud, permanentemente estava a rever as suas posições e a repensar a arquitetura de sua construção psíquica. No contexto específico da epistemologia da Psicanálise as discussões são permanentes. Não há consenso. Alguns ainda estão identificados com o velho mestre, outros à luz das discussões epistemológicas mais recentes buscam novos caminhos atualizando as posições de Freud, e ainda aqueles que pretendem situar a Psicanálise no contexto das ciências do espírito, e não da natureza. E assim dando maior pertinência a atividade compreensiva e hermenêutica.

Concluindo, podemos dizer que Filosofia e a Psicanálise, não obstante suas divergências e aproximação continuarão a existir e a serem importantes para o ser humano e para a cultura. Entre elas o debate ainda rolará por

muito tempo. Também somos chamados a participarmos destes embates. Contudo isto implica dedicação, disciplina, conquista de autonomia intelectual e reflexiva. E só conseguiremos isto se estivermos apaixonados pela escolha que possamos fazer ou pelo caminho de decidirmos seguir.

Bibliografia básica

ASSOUN, Paul-Laurent. *Freud a Filosofia e os filósofos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. Cossutta, Frédéric. *Elementos para a leitura dos textos filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

JAPIASSU, Hilton. *Psicanálise. Ciência ou contraciência?* Rio de Janeiro: Imago: 1989. Mezan, Renato. *Que significa 'pesquisa' em Psicanálise?* In: Silva, Maria Emilia Lino (Coord). *Investigação e Psicanálise*. Campinas: Papyrus, 1933, p. 49–101.

Bibliografia complementar

AROMDEL-ROH Aut, Madeleine. *Exercícios filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Folscheid, D. Wunenburger, Jean-Jacques. *Metodologia filosófica*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DELEUZE, G. Guattari. Félix. *O que é Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. Mezan, Renato. *Interfaces da Psicanálise*. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

PALOMBINI, Analice de lima. *Fundamentos para uma crítica da epistemologia da Psicanálise*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-graduação em Filosofia. Dissertação de mestrado, 1996, 106 p.

SANTO. Tânia Coelho dos. *Inovações no ensino e na pesquisa em Psicanálise aplicada*. Rio de Janeiro: Sete letras, 2009.

SANTO. Tânia Coelho dos. *Inovações no ensino e na pesquisa em Psicanálise aplicada*. Rio de Janeiro: Sete letras, 2009. SILVA, Maria SILVA, Maria Emília Lino da. *Investigação e Psicanálise*. Campinas: Papyrus,

Atividades

1 – Momento

- Elaboração de projeto de pesquisa com o orientador.

2 – Momento

- Desenvolvimento do projeto sob supervisão dos tutores.

3 – Momento

- Entrega do trabalho monográfico na data fixada pela coordenação.

Sobre o autor

Antônio Vidal Nunes, professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) Trabalha nas áreas de Filosofia Latino-Americana, Filosofia da Religião e da Educação. Autor dos livros *Corpo, linguagem e educação dos sentidos no pensamento de Rubem Alves (Paulus)*, *A ciência e homem no pensamento de Farias Brito e Rubem Alves (Edufes)*, *Fundamento filosóficos da Educação (Nead-Ufes)*, *Mircea Eliade e a busca do sagrado (Edufes)*; e organizador de *O que eles pensam de Rubem Alves e de seu humanismo na religião, na educação e na poesia (Paulus)*.

